Introdução: Praticamente Inofensivo

Ninguém disse que namorar seria fácil. Isso é ainda mais verdade quando você está namorando no exterior e não fala o idioma.

Este livro é, antes de tudo, um relato das minhas experiências pessoais de namoro como um homem que hoje tem 38 anos, dos Estados Unidos (se você diz “US” em inglês, soa como “nós”, e você pode acabar num acordo que não queria ter). Moro no Rio há quase três anos e não falo português, e antes disso passei vários anos como nômade digital. Meu vocabulário continua sendo “obrigado”, “cerveja” e um sorriso que diz: “Olá, sou praticamente inofensivo.”

A primeira história que me vem à cabeça é o meu primeiro “encontro” com uma PROFISSIONAL em Medellín. Terminou com ela me esculachando em inglês, em público, por uma hora, como se fôssemos casados e ela tivesse acabado de descobrir que eu estava dormindo com a mãe dela. Passei o ataque verbal inteiro tentando arrumar um Uber para ela voltar para casa. Olhando para trás, eu deveria ter fugido pela janela do banheiro.

Havia, com certeza, sinais de alerta logo no começo de que aquele não seria um encontro agradável. Quinze minutos depois de nos conhecermos, ela me acusou de estar secando uma mulher que estava claramente num encontro com outra pessoa. Expliquei que o casal estava bem na nossa linha de visão, já que estávamos sentados lado a lado, de frente para a entrada do restaurante. Acabei acalmando a situação, mas só depois de trocarmos de restaurante.

No jantar, ela explicou que era garota de programa, algo que eu gostaria de ter sabido antes de chamá-la para sair. Tentei manter o jantar agradável e disse que não tinha interesse em pagar por sexo. Foi aí que tudo foi para o inferno. Ela se ofendeu profundamente ao ouvir um não, como se eu tivesse decidido que ela não valia o dinheiro, e o encontro virou um ataque verbal.

Eu só queria terminar o jantar e cada um seguir seu caminho. A parte de cada um seguir seu caminho foi a mais difícil. Ela morava longe e não tinha como pagar a própria corrida, e o bairro dela era tão perigoso que todo motorista aceitava a corrida e depois cancelava quando percebia o destino. Minha solução: me deixar em casa primeiro e depois levá-la. Isso com certeza prolongou a situação constrangedora, mas eu achei que estava sendo esperto. O que fez a enxurrada de insultos aumentar foi eu achar a situação inteira cômica. Eu ficava pensando em como contaria essa história para os meus amigos depois.

Ela ficou em silêncio a viagem inteira, o que foi um alívio enorme. Quando o carro se afastava do meu prédio, ela gritou pela janela:

“Você precisa consertar esses seus dentes horríveis.”

Mal sabia ela: eu já tinha marcado a consulta do Invisalign para a manhã seguinte.

Eu gostaria de dizer que isso foi um caso isolado, mas é só um entre muitos desastres amorosos. Já refleti sobre o que me deixa tão propenso a esses encontros, e gostaria de culpar o fato de ser um engenheiro de software socialmente desajeitado. Na aula de artes da faculdade, todo mundo descobriu que eu cortava as unhas até um nível perigoso. Minha lógica era à prova de falhas: cortar o máximo possível para ter que fazer isso com menos frequência. A turma ficou horrorizada quando viu minhas mãos, e eu fiquei mortificado.

Também sou um romântico incurável, e sou desde antes de saber o que era namorar. Quando criança, eu me perguntava como faria aquele gesto clássico do casaco sobre a poça, em que você estende o casaco sobre uma poça d'água para a moça atravessar sem molhar os sapatos. Parecia a coisa mais cavalheiresca do mundo. Aí eu pensava: *O que você vai fazer com um casaco molhado? Provavelmente deixar lá, né? Ou ter uma sacola plástica de prontidão para recolhê-lo rápido depois que a mulher com quem você está te cobrir de carinho.*

Essa tem sido a minha vida amorosa em uma pergunta. Grandes gestos, nenhum plano para o que vem depois.

Este não é um manual, e não estou dizendo para você fazer o que eu fiz. É uma pilha de desastres amorosos com algumas lições práticas misturadas. Se um cara sem nenhuma lábia, sem português e com uma aba do Google Tradutor aberta sobreviveu a todos eles, você vai sobreviver ao seu próximo primeiro encontro.

Sei como esse tipo de livro pode soar. A imagem do tal do "passport bro" vem à mente. Sou um gringo num país onde isso ajuda/atrapalha, e estou dolorosamente ciente disso. Espero que as histórias mostrem que sou um homem bem-intencionado em busca de companhia numa terra estrangeira. Deixo você ser o juiz disso.

Costumo achar graça em tudo que não me mata, e isso inclui a vez em que fui drogado e roubado em Medellín. Essa vai ter um capítulo só dela.

Tudo aqui aconteceu comigo. Os nomes foram trocados e alguns detalhes foram propositalmente disfarçados. Quem aparece só com uma letra é um nome substituto.

Então aqui vai um vislumbre da minha vida amorosa que você não pediu.